



IV
DIABLO
LORD OF HATRED

NAS ASAS DO PESADELO

NEYRELLE

POR
JONATHAN MABERRY

HISTÓRIA
JONATHAN MABERRY

ILUSTRAÇÕES
LYNETTE WONG

EDITORIAL
MEGAN WALKER

DESIGN
SOPHIE ERB

DIREÇÃO DE ARTE
ALEX CRESWICK

CONSULTORIA DE HISTÓRIA
IAN LANDA-BEAVERS

CONSULTORIA CRIATIVA
MATT BURNS, CASSIEL CHADWICK,
CHLOE FRABONI, ZAVEN HAROUTUNIAN,
DAVID LOMELI

PRODUÇÃO
HANNAH MATTISON, BRIANNE MESSINA,
TAKAYUKI SHIMBO, JT TORREA, TRACY WANG

TRADUÇÃO
JULIA SPANOPOULOS, CAMILA ASCÊNCIO E
CESAR PAULICCHI.



© 2026 Blizzard Entertainment, Inc. e o logotipo Blizzard Entertainment são marcas comerciais ou marcas registradas da Blizzard Entertainment, Inc. nos EUA ou em outros países.

Publicado por Blizzard Entertainment.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, locais e acontecimentos são produto da imaginação do autor ou artista, ou são usados de maneira fictícia, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, acontecimentos ou localidades é mera coincidência.

A Blizzard Entertainment não tem controle nem assume qualquer responsabilidade por autores, sites de terceiros ou seu conteúdo.



Prestem atenção no que digo, pois sou a Rainha Oráculo. É meu dever saber o que foi, o que é e o que será.

Sonhos são portais para a mente adormecida, um lugar sombrio onde janelas fechadas e passagens trancadas não impedem a chegada da verdade.

Nos sonhos planejamos e torcemos, idealizamos e acreditamos... e acordamos, acreditando ter solucionado todos os dilemas e descoberto segredos sobre nós mesmos.

Ah, como o universo se deleita nesta crença. Como se a melodia de um sonho esperançoso pudesse impor sua vontade à realidade.

Mas a verdade não é revelada em sonhos. Não. São nos corredores abandonados dos pesadelos que a verdade aguarda ser encontrada.

Mas há um preço.

Ah, claro. Um devido preço...





NEYRELLE

Neyrelle andou o dia todo, e nem sonhando ela descansou. A esperança era o seu traje habitual, mas, aos poucos, ela se cobria de receios. Nenhuma jornada, desperta ou sonhando, a deixava completamente em paz. Nenhum caminho a levava para campos verdejantes nos quais o sol brilhava e sombras eram apenas a ausência da luz.

Ela sentia que cada passo a afastava ainda mais da verdade. E de seu propósito.

Mefisto se ergueria. Isso era uma certeza. O poder dele crescia a cada momento e a cada dia, e conforme o fazia, Neyrelle tinha a impressão de enfraquecer, perdendo sua direção e propósito.

Esperança.

Desde o início de sua jornada, ela se obrigou a aprender mais, a *conhecer* mais, a desvendar segredos ocultos para todos, exceto aos mais dedicados eruditos da verdade. Essa sabedoria sempre a auxiliou nas batalhas, mas, recentemente, a incerteza tem corroído sua mente como um verme faminto.


Quando Neyrelle parou para passar a noite, em um caminho estreito nas Cimeiras Fraturadas, ela preparou seu acampamento e se acomodou perto de uma fogueira alta, protegendo-se do vento cortante com casacos de pele. Os dias eram frios e, mesmo com as camadas de roupas que vestia, o vento encontrava aberturas entre elas, gelando sua pele. Ao redor de Neyrelle, os ventos gritavam com a voz da escuridão, conjurando imagens de fantasmas congelados caçando o calor da vida.

Todas as noites eram assim.


Neyrelle tinha a impressão de que todo acampamento, todo adormecer, toda madrugada e alvorada era um eco da vida, mas sem as coisas que a faziam valer a pena viver. Sentada, encarando a fogueira, ela se sentia sufocada pelo desespero. Qual seria, afinal, a recompensa no fim de tantos caminhos? Qual seria o prêmio por tantas batalhas travadas e entes perdidos?

“Será que ele já venceu?”, ela se perguntou naquela noite, tremendo em seu saco de dormir. Ela era a vítima dos ataques impiedosos do frio. Assim como o calor se esvaía dela, sua confiança e seu otimismo também congelavam e se fragmentavam, dissipando-se na neve da noite nefasta e inclemente. “Seria este meu purgatório? Acreditar que luto pelo bem, enquanto só desperdiço meus dias?”

Um corvo estava empoleirado em uma rocha quebrada atrás da fogueira. Ela



“EU NÃO SOU
UMA GUERREIRA”,
PROTESTOU ELA.
“SOU UMA ERUDITA.”



percebeu que, embora seus olhos ancestrais estivessem repletos de sabedoria, a ave noturna não responderia às suas dúvidas.

Neyrelle cerrou os olhos com força. Se ao menos ela realmente *fosse* a Pombinha que sua mãe a nomeara. Se ela pudesse conversar com este corvo em uma língua que ambos entendessem... Será que ele sussurraria segredos para ajudá-la? Confirmaria que a ruína esteve logo atrás em todos esses caminhos? Ele a contaria que essa árdua jornada acabaria em nada além de derrota e morte?

Com seus piores pensamentos em mente, Neyrelle caiu em um sono profundo e sombrio, onde pesadelos a aguardavam.

A escuridão tomou a noite. O frio se tornou ainda mais intenso e cruel, mas Neyrelle ainda estava diante daquela fogueira, que agora não passava de um ninho para o brilho laranja das brasas. De repente, ela percebeu que não estava mais sozinha.

Era impossível, mas *Donan* a fazia companhia. Com a barba grisalha e seus olhos gentis, cicatrizes e linhas de expressão.

O coração dela se encheu de alegria. Neyrelle o chamou pelo nome e estendeu sua mão. Donan se afastou, de repente, mas ainda permitiu que ela o tocasse. Mesmo ao tocar suas mãos, um arrepio de terror a percorreu. Os dedos dele estavam frios como uma sepultura. Linhas mórbidas e escuras se espalhavam por seus braços, como raízes de árvores mortas.

“O que é isso?”, indagou ela, assustada. “É uma doença?”

“Não é nada”, disse Donan, soltando as mãos dela. O movimento não era maldoso, mas também não era gentil. Havia uma sutil hostilidade ali, também presente no modo como ele puxou as mangas, de forma rápida e brusca. Quando ele sorriu, o semblante era familiar, mas parecia estranho, como se visto através de um véu. O rosto dele apresentava um quê predatório e voraz, que não trouxe conforto a Neyrelle.

“Você parece bem, minha amiga”, murmurou Donan. “Já faz quanto tempo? Parece ter sido uma eternidade.”

Mas ele não aguardou uma resposta. Ainda portando o sorriso de um lobo, ele continuou falando sobre todos os caminhos que trilharam juntos, todos os lugares que já visitaram. Sobre tudo que fizeram juntos e separados. Ouvir uma história tão completa a fez se sentir estranhamente velha. Ela realmente tinha feito tudo isso? Foram tantas batalhas assim?

Eles haviam enterrado tantos amigos assim pelo caminho? Era um pensamento



desagradável e Neyrelle quase sucumbiu ao peso dele.

Como se tivesse lido a mente dela, o rosto de Donan foi tomado pela tristeza. A mudança de expressão não encobriu totalmente seu sorriso, mesmo enquanto ele suspirou com pesar. Então, depois de balançar a cabeça, ele olhou para a noite. “Acho que...” murmurou ele, “nosso tempo está quase acabando, não está, Neyrelle?”

“Acabando...? O que você quer dizer?”, questionou ela.

Com uma unha estranhamente longa, Donan traçou o contorno de sua barba e depois fitou a própria unha. Neyrelle observou um brilho naquela unha que não era sangue nem suor, mas a mesma escuridão intensa que se espalhava nas veias dos braços dele. Donan assentiu, como se não esperasse nada menos. Se estava incomodado com o que vira, isso não transparecia. Na verdade, ele parecia levemente entretido. Ela não tinha certeza, e isso fazia a noite parecer ainda mais fria e escura.

“É isso mesmo”, respondeu ele. “Está na hora de acabar com tudo.” Ele a encarava com um olhar penetrante, cheio de sabedoria. “Você não está cansada? Você, mais do que ninguém, sabe que a guerra perdura além do guerreiro.”

“Eu não sou uma guerreira”, protestou ela. “Sou uma erudita.”

Donan gargalhou com amargura. “Uma razão ainda melhor para terminar essa jornada.”

Cada palavra era mais pesada que a outra, e Neyrelle quase já não aguentava sustentá-las em seu corpo. Era como se o frio a chamasse, oferecendo a paz do sono eterno como recompensa por tudo que ela fez na guerra contra o mal.

“Estou muito cansada”, admitiu ela. “É uma jornada impossível. Se eu tivesse a chance, não gostaria de trilhá-la outra vez.”

“Não...?”

Ela não gostou do brilho nos olhos dele ao fazer a pergunta e respondeu, com um tom mais firme: “Perceba que eu não disse que *não* trilharia.” Seu tom era afiado como uma adaga de pedra.

Donan assentiu. “O mal é eterno. Ele perdura, e nós desperdiçamos todos os nossos anos de vida tentando conquistar aquilo que não temos esperança de derrotar.”

“Eu...”, disse ela, mas não encontrou as palavras.

“Não há mais nada que você possa fazer”, disse Donan, e agora as linhas mórbidas pareciam escapar do colarinho de suas vestes. Elas se espalhavam pelas laterais do pescoço dele.

“O que você quer dizer com isso?”

“Minha amiga”, respondeu ele, com um sorriso triste e cansado, “quantas vezes você realmente obteve *sucesso* nessa jornada? Para onde seus passos intermináveis a levaram, se não aos pés de uma cova vazia?”

Ela não respondeu.

Donan balançou a cabeça. “Neyrelle, pare e pense. Você é inteligente. Foque. Faça isso e você perceberá que chegou a hora de desistir.”

Ela suspirou, surpresa. “*Desistir*? Você enlouqueceu?”

“Não”, a voz dele se alterou. “Eu trago a verdade da qual você continua fugindo.”

“Não”, retrucou ela. “Eu nunca aceitarei isso. Se pessoas como nós não resistirem, então tudo estará perdido.”

“O que você perderia? Pavonearia, morrendo com honra em uma batalha que jamais poderia vencer. Isso é coragem ou arrogância?”

“Não devemos fugir dessa luta.”

A escuridão que ela julgava enxergar nele agora se mostrava mais intensa. Seus olhos pareciam ter derretido, o branco e a íris se fundindo e perdendo toda a cor para uma escuridão profunda como as asas das aves noturnas. A boca dele ainda formava um sorriso, mas não havia graça ali. Apenas crueldade.

“Neyrelle... aceite a verdade”, disse ele em um tom que se assemelhava mais a um rugido feroz do que a fala humana. “A verdade de que tudo que você ama *morre*.”

A escuridão o encobriu por completo. Ela jorrava de seus olhos como lágrimas e escorria pela boca. Com a voz de um demônio, ele sussurrou: “Mefisto não pode ser derrotado. Não por humanos. Muito menos por você.”

Neyrelle se levantou cambaleando. “Não!”, gritou ela. “Eu *nunca* desistirei.”

Ele também se ergueu, e apesar de tudo o que ela sentia por Donan, Neyrelle desferiu um soco em seu rosto, com a intenção de arrancar aquele sorriso maldoso. Não houve impacto, foi como atingir fumaça. O punho dela o atravessou, e ela perdeu o equilíbrio...



Ela gritou, rolando do pesadelo diretamente para as brasas acesas. Neyrelle se afastou rapidamente da fogueira, sacudindo o cobertor em chamas.



A vastidão escura da madrugada parecia segurar a respiração.

Ela estava sozinha, exceto pelo corvo na rocha, que a encarava com os olhos vazios.

Neyrelle ficou ali agachada, arfando, aterrorizada. Furiosa.

“Eu *nunca* desistirei”, essa era a verdade em seu coração ferido. “Nunca.”

A ave abriu o bico para grasnar, mas não emitiu nenhum som.



Observe, então.

Ninguém, seja erudito, rainha ou guerreiro, realmente tem posse da própria alma. Ninguém está livre das consequências da sabedoria. Somos todos condenados pelas coisas que fizemos. Todas as escolhas feitas nos guiam em nossas jornadas. Todas as decisões, até aquelas que tomamos com certeza, cortam como uma faca. Nesses cortes se esvaem nossa esperança e nossa pureza. Cada corte abre caminho para a corrupção ocupar nossa carne e nosso sangue.

E ainda assim...

Algumas mentes são corrompidas mais facilmente. Por bem ou por mal... quem poderia decidir?

Eu acordo dos meus próprios sonhos... dos meus próprios pesadelos. Meus olhos se afastam do horror, mas eu ainda o vejo. Eu ainda *sei*. As palavras escapam dos meus lábios.

“Algo está a caminho”, eu digo. E lá fora, nas árvores, mil aves noturnas ecoam temerosas. «Algo terrível... está a caminho...»

BIOGRAFIA DO AUTOR

JONATHAN MABERRY é um autor de best-sellers do *New York Times*, cinco vezes vencedor do Bram Stoker Award, quatro vezes vencedor do Scribe Award, vencedor do Inkpot Award, autor de mais de cinquenta romances e editor de mais de trinta antologias. Ele também escreve quadrinhos, é poeta, diretor de produção e professor de escrita. Sua série de livros *V-Wars* foi adaptada em uma série original da Netflix; um filme de seu romance *Rot & Ruin* está sendo produzido com a Alcon Entertainment; e seu suspense *Joe Ledger* se tornará uma série de TV de Chad Stahelski, o diretor dos filmes *John Wick*. Jonathan escreve terror, ficção científica, fantasia, aventura, suspense e muito mais. Ele é presidente da International Association of Media Tie-in Writers e editor da *Weird Tales Magazine*. Veja mais em jonathanmaberry.com.